

VOZ DA VERDADE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO

Publica-se uma vez por semana (quinta-feira), na typographia de José Joaquim Lopes, à rua da Trindade n.º 2, onde se recebem assinaturas por um anno a 6.700 reis, pagamento no acto de assinar; quem receber a folla por via do correio pagará mais 500 reis.

Anno II

Desterro—Quinta-feira 2 de Dezembro de 1860.

VOZ DA VERDADE.

A *Regeneração*, no seu n.º publicado á 28 do mez proximo passado, sentindo, como sempre, falta de materia para encher as suas columnas, ocupou-se em censurar o *Despertador* por ter publicado artigos contra certo figura de elevado posto, servindo-se os escriptores dessa gazeta para semelhante censura, do frívolo motivo de apparecerem elles na folha que publica os actos e expediente do governo da Província.

Só um ardente desejo de acusar, poderia influir no anúncio dos escribas da *Regeneração* para enxegarem nesse procedimento da Direcção ou Redacção do *Despertador*, motivo para tamanha celeuma!

Não se dá maior destampatorio!

Em que auctor de jurisprudencia acharão os *sabios regeneradores* prescrições tão rigorosas ao jornalista que, pelo simples facto de dar publicidade aos actos da primeira autoridade da província, fizesse inhabito de admittir artigos contra quaisquer funcionários publicos?... Em nenhum, por certo, e se o ha, dignem-se apontar, porque nem todos possuem os vastos conhecimentos dos eximios regeneradores de Santa Catharina.

Entendemos que o jornal incumbe de prestar esse serviço à secretaria da Província, deve abster-se apenas de censurar os actos da Administração e não consentir que outrem o faça. Mais do que isto seria querer o impossivel.

A gente da *Regeneração* bem o sabe; porém, como está habituada a formar castellos no ar para ter o gosto de velos cahir, por isso não quiz perder mais esta occasião. Outro officio, meus Srs., vão plantar batatas, que tirarão maior proveito. Convencendo-se que o seu papel está tão desmoralizado, tão desacreditado que só serve para embrulhos das quitandeiras.

Reminiscencias.

Quando lemos as gazetas da oposição publicadas depois da ascenção do partido conservador ao poder, e confrontamos as doutrinas emitidas hoje com as de ontem, cada vez mais nos convencemos do jesuitismo de tal gente.

Como é possível acreditar hoje nas pa-

lavras proferidas e publicadas por esses mesmos homens que já disserão antes o contrario?

Do duas una, ou saltarão a verdade em seus escriptos anteriores, tratando de iludir os seus leitores, ou procurarão fazer o depois da queda desse partido alinhado liberal.

Para mais convencer os leitores deste jornal, da verdade desta asserção, transcrevemos os seguintes artigos publicados em o.º 3 da *Opinião Liberal* de 14 de Agosto de 1867, sob as epigraphes:

O ministerio.

A *Opinião liberal* não combate pela victoria e sim pelo princípio; não suffoca por vingança e sim por dever; não ataca por inveja e sim por convicção.

Com o fanatismo frio da logica, sua principal força, quer e ha de conseguir derrotar a vaidade, essa intermitência da paixão humana, e desarmar a audacia do ministerio—colonio, para dar entrada aos homens que tudo sacrificam em beneficio de sua patria, expellindo do poder aquelles que sacrificam tudo ao seu bem-estar. A *Opinião liberal* ha muito conhecido que o ministerio é uma potencia de resistencia e não de impulso; tem o que é preciso para durar; fala-lhe o necessário para obrar.

Pode durar—como o tronco isolado no deserto das montanhas; pode durar como o esqueleto—que é a tradição viva d'um corpo putrido; pode durar no suppicio inglorio da sphynge, mas nesse mysterio de sua economia ha de encontrar o veneno subterrâneo—para o qual elle não terá antidoto nem reagentes.

Foi esse veneno que abateu um throno e expulsou uma dynastia.

A força do ministerio não está no seu peso, porque a levianidade, que é a sua alma, é o motor de todos os seus actos.

E cumplice d'esta calamitoso politica o sr. Zacharias — porque é ella quem incuba todos os germens.

Pensa que cada um dos seus actos tem um écho de admiração e de espanto — aquie na Europa.

Que imbecilidade!

Apaixonado pelos seus modelos, exagera-os; é porque falta-lhe as qualidades precisas para ser um homem publico, um grande politico.

Homem de estado nunca será.

A historia contemporanea oferece o

exemplo de um homem de estado, que, apoiado no bom senso da sua nação, pôde ousar e cumprir, ajudado de um parlamento e algumas vezes contra elle.

Esse homem, pelo célebre de suas visitas e pela energia das suas resoluções, conservou o poder sem interrupção quasi até a sua morte. Entre elle e o sr. Zacharias ha uma notável diferença—aquele nunca fez violencia á opinião.

O partido adversario fez-lhe a injustiça de chamar-o o despota da constituição.

Apezar de tudo que foi e do que fez—morreu vencido.

Se este ministerio demorar-se mais tempo no poder, teremos o servilismo do estado, a espionagem pelo respeito, o mysterio pelo prestigio, o suppicio pela força.

O ministerio só tem uma estrada a trilhar—a da vergonha; só um degrão a subir—o do remorso.

Compuesto de homens designados, uns podem, mas não sabem combater; uns apenas sabem sujeitar-se, e nem um d'elles sabe governar!

E como nas lutas das opiniões fazem-se reconhecimentos como nas campanhas dos exercitos, nós que escrevemos a historia d'estes cabos de guerra politicos, devemos mostrar seus erros de estratégia.

O general em chefe—Zacharias de Góes, serve para a intiga no acampamento, mas não para dar plano de batalha.

Os outros—cornetas e tambores não podem sair da posição—em que a sorte da guerra os colloca.

Trombetaem e produzem a confusão, a desordem nos flancos.

E n'isto que estaria decretada a sua derrota, senão bastasse os vicios do estado-maior.

A propósito de prestigio.

Prestigio tem o illustre general, a quem o nobre presidente do conselho, à custa de uma recomposição ministerial, foi buscar para guiar a sorte das nossas armas na campauha do Paraguay. Por seus triunfos faço os mais ardentes votos, não só pela estima e respeito que lhe tributo, mas ainda porque n'esses triunfos se empenham a honra e a gloria do Brasil.

Acompanhamos o illustre parlamentar o sr. Paulino de Souza nos votos que faz pelos triunfos e gloria que ao Brasil devem resultar da sorte de nossas armas

no empenho de honra que travámos com o Paraguai.

O que, porém, não nos parece justo é que s. exc. queira atribuir unicamente ao sr. marquez de Caxias as glórias e triunhos que se esperam de nossas armas.

Prestígio tem o illustre general para muito poder fazer, não o negaremos; mas não menos, se não maior prestígio tem a quelle bravo general que atravessou o Passo da Patria e foi o primeiro soldado que pisou o solo inimigo, com sangue frio e deu de dignos dos antigos tempos.

Prestígio tem o sr. marquez de Caxias para bem organizar um exército e imprimir-lhe o ardor dos combates; igual — se não maior prestígio — tem o general Ozorio que à testa de nossas cohortes soube conduzil-as ao brilhante clarão da lâmina de sua gloriosa espada, ao campo da batalha, sem que se lhe mude a cõ. do rosio.

Prestígio tem o sr. marquez de Caxias para ser como é, chefe de um partido político; maior prestígio tem porém o general que, ausente dos seus e marad.s durante mais de um anno, apenas estes o avistam, entrem-se de entusiasmo e rompem-n' um só brado — Viva o general Ozorio!

Sém o general Ozorio o sr. marquez de Caxias conluziria os nossos bravos soldados ao campo da batalha com probabilidade da victoria; com o general Ozorio s. exc. e a patria tem direito de contar com a victoria.

A gloria do sr. marquez de Caxias deve ser grande; a gloria do general Ozorio deve ser muito grande.

Desde que pela segunda vez este general pisou terras do Paraguai, a estrela d'aquelle começou a celi-sar-se.

Esperemos pelos factos.

Ainda outro mais apreciavel na situação actual: a epygraphe é esta:

A guarda nacional.

A guerra do Paraguai veio mostrar só ao povo, porque o governo faz timbre em mostrar-se cego e surdo, que a nobre instituição da guarda nacional, que já serviu para especulações políticas, também serve e tem servido para transacções mercantis, redundando sempre em prejuizo das victimas que chamaremos — guardas.

A facilidade com que o governo sempre remunerou serviços especiais, com patentes da guarda nacional, sem attender á moralid. de dos individuos agraciados, devemos, em grande parte, o estado de abalimento a que a arrastou, plantando-lhe o desanimo, a falta de fé em promessas, e a quasi impossibilid. de hoje de obter, sem uma resôma radical, os serviços que, sob outra direcção, poder-se-ia esperar.

Hoje, qualquer reforma na guarda nacional, só pode, a bem da moralidade do paiz, ter por base uma dissolução.

Sem a devida moralidade dos chefes, cessa o prestígio do mando, e nasce a dificuldade de obedecer.

Que força moral gozará um chefe que impõe e aceita de seus commandados, contribuição pecuniaria para dispensal os do serviço?

Como fazer-se obedecer o chefe que, além de extorquir quantia não pequena de seu subordinado, para dispensal-o de aquartelar, ainda sob o seu nome, como se fosse a aquartelado, sua sublo, capo e fardamento em proveito proprio?

Pois bem, um chefe que assim procede, mereceu ha pouco do governo brasileiro, ser promovido a major, e a cavalleiro da imperialis ordem da Rosa por serviços prestados em relacão à guerra contra o governo do Paraguai.

Peraute a 1.º delegacia de polícia d'esta corte trata se de provar um outro facto escandaloso.

O sr. José do Rego Pontes, competentemente documentado, denunciou perante aquele juizo que o capi.º comun.º da companhia a que pertence seu filho José do Rego Pontes Junior, guarda do 2.º batalhão, intimara a este para marchar para o Sul por ter sido designado, e depois de terem apresentado ao tal capitão diversos substitutos sem que nem um fosse aceito, o tal capitão oferece vender-lhe por 900.000 um seu escravo de nome *Felix*, o qual julgado logo apto, atinal figurou de substituto do suposto designado, a quem Iodavia não deram a isenção, o que, originando suspeitas da parte do sr. Rego, fez que este descobrisse a verdade; isto é, que seu filho *nunca* fôra designado, que o liberto *Felix* não seguiu para a guerra, e finalmente que tudo isso não possou de um artifício para defraudar o pobre guarda.

Taes factos e outros muitos seriam objecto de severa punição em qualquer paiz moralizado; n'este porém são galardoados com horas e distinções.

OCCURRENCIAS.

Chegada de vapores do Sul.

O encouraçado *Silvado* e o *Marcilio Dias*, procedentes do Paraguai, chegárono no dia 30 do mes proximo passado, ambos com destino à corte do Imperio. O 1.º vai reparar as glorioas avarias que recebeu nas occasões em que, com outros, forcou diversas fortificações do feroz tyranho Lopez.

Nenhuma noticia nos trouxe do theatro da guerra.

Falecimento.

Falleceu em Porto Bello, no dia 23 de Novembro, o major João Corrêa Rebello, com 97 annos de idade, ainda com todas as suas faculdades intellectuaes.

Pertenceu sempre à politica que adoptamos, e servio de commandante do Districto, delegado de polícia, juiz municipal supplente, juiz de paz e vereador da

câmara municipal, no desempenho de cujos cargos houve-se com honra, probidade e inteireza de carácter.

Perdeu a província um filho probo, porém ganhou o céu mais um justo.

Deus se amercie de sua alma.

Nomeação.

— Foi nomeado escrivão da colonia Principe D. Affonso, o Sr. Eduardo de Freitas Serrão.

I. CORTE. Apozentadoria.

— Consta ter requerido sua apozentadoria o collector da Freguezia de Santo António, Anselmo Gonçalves Ribeiro, aproveitando se do favor da lei promulgada este anno eq. n.º 1080. O governo, a abrindo, obteve que o seu nome fosse aprovado. A Regeneração mentiu, como é seu costume, dizendo que tres presidentes tem renunciado o cargo, depois da assonção do partido conservador.

Só dois deixarão de aceitar, o Sr. Costa Pereira e agora o Sr. Lisboa.

O Sr. Affonso de Carvalho não foi nomeado para esta e sim para a do Paraná, cujo cargo está exercendo.

O Sr. Costa Pereira não aceitou, porque não quis deixar sua banca de advogado em Campos.

O Sr. Lisboa pediu exoneração, em consequencia de negocios de familia; e essa é a causa de não ter vindo. Ainda não constava na corte quem o substituiria, que seja quem for, deve ser de confiança do governo imperial, com o que estamos tranquillos.

COMUNICADOS.

Bem dizia Guizot, como ministro de estado, no parlamento francês, em sessão de 12 de Maio de 1834, a respeito do partido da oposição: « A facção subsistirá por muito tempo ainda; por muito tempo se conservará na attitude que tomou nos nossos olhos, de insolencia aristocrática, e cynismo revolucionario. »

Nunca essa facção apresentou um aspecto mais immoral, mais repugnante do que hoje. Sinto todas as manhas, desgosto e humilhação, reudo a que actos e a que palavras se abaixam homens que blazonam de pertencer ás classes mais elevadas da sociedade. »

Quem diria que este pensamento do ilustre estadista francês, teria em 1869 applicação no procedimento dos pseudos liberaes na província de Santa Catharina!

E, porém, uma verdade.

Duas vezes por semana exhibe-se a oposição em publico, não havendo baldão, nem improposito que não tenha servido de qualificativo para rediculizar as autoridades superiores da província, ao chefe e membros proeminentes do partido conservador !!

Nunca se viu isto !

A oposição liberal faz uso de libellos diffamatorios, só com o fito bem conhecido de desmoralizar a seus adversarios, at-

tribuindo-lhes factos não especificados, e sob a capa do anonymo.

Joga com furia os doestos, procurando na attitude de seu procedimento, modelado pelo despeito, apresentar-se como vítima expiatoria de perseguições infrenes. Quanta protervia, meu Deos!

Os liberaes que se reconhecem serem pervertidos, immoraes e incapazes do governo, vanglorião-se dessa attitude bellica em que se collocarão, offendendo sem cessar a cidadãos respeitaveis por todos os titulos.

Não é, portanto, para admirar que nem a idade, nem a posicão social, nem os serviços do venerando coronel Neves, 3.º vice-presidente da província, sejam respeitados pelos gritadores, que vindos da Bahia, Pernambuco e outros lugares, por aribação, visto que alli não tiubão meios de vida, honestos, visão obter a governanca, para satisfazerm a ambigão do mando e poderio, que perderão, por ter cabido o partido da liga eu liberal progressista, a que se ligarão.

Nem é de extranhar que continuem a insultar o honrado Chefe de polícia interino, Dr. Duarte Pereira, porque como nunca poderão curvar à sua grei o imparcial Juiz de direito da comarca da Laguna, a quem votarão o ostracismo, mordem-se de raiva, attento a conhacerem que S. S., sobranceiro aos insultos, trilha o caminho da justica, como magistrado circumspecto e intelligente.

Atado ao poste das injurias e calúnias dos liberaes, anda o advogado Oliveira, presidente da camara municipal, pelo unico peccado de ser o chefe do partido conservador na província, e ter com dignidade sustentado a politica dominante, fazendo para isso não pequenos sacrificios pecuniarios e até de saude.

Como o Sr. Oliveira ainda outros conservadores prestigiosos, quaes os Srs. Tenente-coronel Leitão, Monteiro, Cabral, Marques e muitos mais, tem sido levados ao poste dos sarcasmos, de que se serve a oposição.

Haja, porem, paciencia evangélica, para soffrer as fraquezas do proximo, e resignem-se todos a esse procedimento infame da oposição, porque se a cafila da gente honrada tem uma cauda enorrima, para escondel-a, já se pintarão de garcas, que batendo as asas brancas, não se salpicão no lodaçal dos vicios.

Forão elles que o disserão!

A raposa matreira, de que nos falla La Fontaine, dizia — as uvas estão verdes —, porque a elas não podia chegar.

Assim são os liberaes, gritão, fallão, apresentão-se como victimas, implorando a benevolencia publica, tudo porque não podem chegar à governanca do paiz.

Se por fatalidade conseguissem empregar o poder, então, meus senhores, como feudales, continuarião a praticar despotismos, arbitrariedades, perseguições e vinganças, como já o fizerão de 1862 á 1868.

Isto está na consciencia de todos os nossos comprovincianos.

W.

Causa lastima, dó, senão tedio, a grita que os pretensos liberaes desta capital, levantão, pelo seu orgão, envolvidos em linguagem desabrida, de que se servem

os seus escriptores, alcunhados *Guarany* e *Guapiry*.

São dous *indios* damnados!

Depois de terem engolido todos os *palmitos* dos desiguados, aparecerão em campo raso, para darem assaltadas na honestade dos que, não sendo *gentios*, despresão os dous escariótas da oposição, porque lancando aquelles mão de meios ignobres, no intuito de ferirem os sens adversarios, estão decahindo da opinião publica, cujo desprezo é crescente, na razão directa da baixeza com que empregão os doestos de que se servem, cuja arma, como se sabe, tem dous gumes!

Em verdade, se os caes leprosos devem ser euxotados d'entre os transeuntes para que o contacto do mal não venha affectalos, nenhuma duvida resta de que o *Guarany* e o *Guapiry*, merecem ser tocados a pontapés para não ladrarem, nem infectarem com a lepra, de que estão cheios, aos homens honestos, tanto mais por estar verificado que andão damnados e podem no excesso da raiva morder aos pacíficos adversarios de quem tanto se ocupão.

Aqnelles *sabios* dos sabios, *illustres* dos illustres, *honestos* dos honestos, *talentosos* dos talentos, cada vez vociferão com mais audacia; e ousão fingir-se victimas de prepotencia!!

Quanta maldade encerrão em seus corações!

Censurão algumas justas denúncias dadas na vice-presidencia do venerando ancião, o Exin. Sr. coronel Neves, e as acoimão de odiosas e vingativas!!!

Quando assim fosse, que o não é, porque durante a nefasta presidencia do Sr. Adolpho de Barros, não censuraram, nem acoimão de odiosas e vingativas as demissões que deu e as suspensões e reformas acintosas a officiaes da G. N., só pela razão de não commungarem suas idéas politicas?

Qual foi a razão pela qual deixarão de censurar a inversão que fez o celeberrimo D. Belarmino na polícia, que não deixou pedra sobre pedra, para levar a efecto, como levou, a designação de seu cunhado João Alvin?

Oh! não o fizerão, porque então a gente honrada estava no poder e tudo lhes era licito fazer!

Agora é que se torua procedimento criminoso, perseguição atroz e vingança mesquinha!

Que tartufos!

Já se esquecerão do dote de 600\$ reis dados pela assembléa ao predilecto secretario?

Já se esquecerão que elevarão a gratificação do director geral da instrucción publica, de 1:000\$ reis á 1:800\$ reis, só para satisfazer a vontade do Dr. Pitanga, que a exerce?

Tudo para os pseudos-liberaes era licito!

E ainda agora, só censurão ás nomeações que não recahirão em seus adeptos!

Nada disserão, nem dizem, da do Sr. Anastacio, para secretario do hospital militar, porque sem dúvida foi um empregado honrado da camara municipal onde não deixou cauda, nem foi daquelles que comeu por duas vias, recebendo o subsidio de deputado e accumulando a porcentagem de procurador da dita camara!

Não fallarão da do Sr. Alexandre Au-

gusto, que, como tenente efectivo do exercito, em vez de ir defender a patria nos campos do Paraguay, tem estado no quartel da saúde, enferrojando a sua espada, ora empregado como ajudante d'ordens, ora no hospital militar, na qualidade de almoxarife, e agora no commando do deposito, preferindo a capitães e tenentes reformados, que existem desempregados e aptos para tal serviço!

Lamentão, porém, a exoneracão dada ao agrimensor Pedro Luiz Taujois, que aqui servia de engenheiro, sem se lembrarem que ali estão os Srs. major Sebastião de Souza e Mello, capitão Eugenio de Lossio, e 1.º tenente Antonino Ramos, todos officiaes do corpo d'engenheiros, os quaes são bastantes para serem empregados nas obras civis e militares da província.

Teem saudades das nefastas administrações *Adolphinas* e *Biginhinas*, porque elas forão o completo triunvirato das Pitangas, dos Crespos, dos Dhartes e *ejustos furfuris*!

Esses tempos já lá vão! O progressismo, hoje arvorado em liberalismo, baqueou, e tarde ou nunca reaparecerá!

Assim Deos o hade permitir, porque o partido conservador é o unico que pode fazer a felicidade do vasto imperio de Santa Cruz.

Gritem, pois, os adversarios da actual situação politica; não respeitem a ninguem por mais illibado que seja o carácter do aggredido; ataquem até a honra das famílias, penetrem o lar domestico e façam de sua imprensa o pelourinho de insultos e diatribes, que nós, os conservadores, os votaremos ao desprezo que nos merecemos tao abjectos e vis, cujas caudas são tão enormes que para tosal-as seria necessário armarmo-nos com forte thezoura de cortar clinas de animaes, para pouco a pouco as irmos desbastando.

Felizmente a província nos conhece, e não pode os latidos dos caes hydrophobos, chegar ante o caminhante pacifico que os enxota, como merecem.

PUBLICAÇÕES PEDIDAS.

AO PÚBLICO.

Suspenda o publico seu juizo acerca do facto grave que o anonymo da *Voz da Verdade* n. 34 atribuiu ao pianista G. H.

Es'amos plenamente informados do ocorrido e podemos asseverar que a imputação contida naquelle artigo anonymo é tão falsa, quanto injusta.

Ninguem merece menos do que G. H., a accusação de que foi victimo, o que talvez inspirarão sentimentos menos dignos. Fallamos com conhecimento de causa, pois, tendo nós recebido a G. H. no seio de nossa familia, á muitos annos, sempre o conhecemos tão delicado e respeitoso no seu trato, quanto paciente e sollicito no ensino da arte que professa. E o que dizemos repetirá todo o chefe de familia que igualmente o tem recebido em sua casa.

G. H. tem vivido 15 annos entre nós.

Seus precedentes são muitos honrosos, e graças a elle, goza de muito bom nome. Não é pois crível que tivesse agora a idéa infeliz de desmentir o bom conceito em que é lido.

Suspenda portanto o publico o seu juizo. A verdade mais tarde ou mais cedo será conhecida, e, apesar da honrada palavra do noticiarista-officioso, o distinto artista não perderá a estima dos homens de bem de que se tem tornado credor pelo seu comportamento exemplar.

A proposito.

Quando chegar o novo presidente, será bom que os liberaes façam uma nomenclatura da sua gente para poder ser separado o joio do trigo.

E' joio tudo o que tem cauda de duas legoas.

E' joio o ladrão, que receben 1:000\$ rs. de J. L. do Passavinte, para dar um substituto ao filho deste, que não deu, obviando a escusa do moço e ficando com o dinheiro na algibeira.

E' joio o gaz comprimido, que não só róe couros, como fazendas & &.

E' joio o larapio que comeu os juros de certo dinheiro emprestado, engolio rendas do município, e xupitou a dous cartifinhos.

E' joio o bixo que por dous vintens de manteiga enxotou a quem lhe deu o sac-

E' joio o fritinha que chulambou a maior parte do producio do commandita dos designados e o meteu no lansquenet.

E como estes, outros, cujos feitos nobres estão ainda reservados

Quem ficará sendo o trigo ?

Na gente honrada pouco há que escolher.

Puxem por nós, que hão de ver o joio fora do trigo.

Tupy.

LITTERATURA.

A Donzella Hussard.

CAPITULO IX.

Descoberta horrorosa, empreza intrepida.

(Continuação do n. 34.)

« Bella Sofia, dizia Christiano, estais só na prizão? Oh, só, diz Sofia, só com a morte. — Fallai baixo, porque há sentinelas no parque. — Bom Christiano, onde está meu Loreto? — Ah! Senhora, elle foi conduzido ao campo carregado de ferros, os soldados velhos me tem dito que sua imprudencia lhe custaria a vida. — Elle morrerá!... por ter castigado um infame malvado!... a justiça eterna, onde está seu raio?... As varas, eis o cruel supplicio a que

« uma lei sanguinaria o condena: ao amanhecer se ajuntará o conselho de guerra... a sentença não é duvidosa.... « Christiano, respondeo Sofia, é necessário que me vá lançar aos pés de meu pai; é necessário que lhe mostre o maior dos crimes: Christiano, queres tu salvar teu benfeitor? — Se eu o quero!... « ah! tira-me desta horrivel prisão!... « — Mas, senhora, como?... — Esperai... E saltando elle sobe a cima da sella julgando chegar ás grades, porém a janella era tão alta, que nem a ponta de seu sabre lhe chegava... « E' impossivel! diz elle... porém se vos tivesseis por acaso um punhal, uma lima, ou qualquer armazém cortadora, e se pudesseis limar um só varão de ferro, eu vos receberia em meus braços sem o menor perigo. Uma lima, diz Sofia, não... esperai, esperei eu leho aqui alguma coisa... O instrumento do supplicio será agora o da liberdade.» Dizendo estas palavras, ella corre ao fundo armario, o desejo da liberdade lhe faz encarar a segunda vez este lugar fatal; Sofia abre a porta, tira o punhal, e vê com precipitação á janella: « Christiano... eis-me aqui, eu vou tentar a empreza, o Céo dará socorro á innocencia e á virtude... Amavel Christiano, vigia quem vem; minha fortuna, que digo eu? meu reconhecimento, e amizade de Loreto, te pagará este signalado serviço... » Repentina mente ella pôz mão á obra, e começa a limar com aquelle ardor, que o captivo quebra os ferros que o ligão... Mas ah! os esforços são mui fracos! depois de meia hora de trabalho Sofia com as mãos ensanguentadas, é forçada abandonar esta empreza...

E' nesta critica circunstancia que a ronda maior vem passar a revista; os gritos multiplicados das sentinelas anunciam à Sofia a chegada da ronda, ella esconde o punhal, e deita-se na cama: « Ao menos, diz elle com amargura, se elle me não pôde dar a liberdade, este punhal me livrará da deshonra... » O oficial da guarda entra na torre, e acreditando a prisioneira realmente adormecida, retira-se sem a menor bulha.

O silencio que reina na fortaleza anuncia á filha do Conde de Caubor que o perigo tinha passado, ella torna á janella e chama Christiano... « Senhora, lhe diz elle, eu vejo em dor que todas as minhas tentativas são inuteis, em meia hora eu serei tirado deste posto; eu vejo quanto é impossivel a uma mulher sem socorro de outrem limar as grades; disse-me o que hei de fazer para salvar o intrepido Loreto, e eu vos juro de o livrar, ou de morrer com elle!... »

Elle ainda fallava, mas Sofia já não ouvia; uma inspiração tinha illuminado seu espírito; e ella se lembra que o official não tinha fechado a primeira porta, vê e por um feliz acaso estava aberta; corre á segunda e com o seu punhal força a fechadura, a qual, a pezar de sua grossura, cede aos golpes do ferro cortador.... Mais ligeira que a ave que escapou ao tiro

do cacador, assim sobe Sofia pela escada, e em dous minutos se acha na plataforma da torre, onde de joelhos agradece ao Céo por tal beneficio; é neste lugar que chama Christiano; ella lhe communica o designio que tinha concebido de descer deste lugar; em vão elle lhe mostra o perigo que podia ter descendo de tão grande altura, porque tratava-se de salvar o amante, nada a horroriza, nada é capaz de a suspender: Sofia tira de sua cintura uma faxa, prende-a com um seguro no a uma pedra da torre, e começa a descer pondo alternativamente uns pés nos buracos da muralha; Christiano tremendo sobre o cavalo lhe estendia os braços para apara-la se lhe saltassem os pés.... O Géo patrocinava o valeroso projecto desta donzella inocente: uma negra nuvem occultava a invasão da bella prisioneira; já tinha desciido dous ferros da muralha, já as duas mãos de Christiano tocavão seus pés quando repentinamente um soldado, que estava de sentinelha em um dos angulos da torre, tendo percebido uma sombra, grita um qui va lá ameaçador, que aterrrou Christiano e Sofia.... O terrivel qui va lá é repetido; emsim o terceiro grito foi acompanhado de um tiro de espingarda; a este tempo Sofia dá um grito, e cai sem sentidos nos braços do generoso Hussard... A este golpe não esperado o mandebo Christiano se julgou perdido. Que fará elle da preziosa carga de que está encarregado? Sofia não torna a seus sentidos; contudo o tiro da espingarda chamou árta, e o rufo do tambor fez correr todos os soldados ás armas; se elle se demora um instante será surprehendido com Sofia.

(Continua.)

EDITAL,

A camara municipal desta capital faz saber, que no dia 2 de Dezembro, ao meio dia, será celebrado na igreja matriz *Te Deum Laudamus* em acção de graças pelo anniversario natalicio de Sua Magestade o Imperador, e convida a todos os seus municipios, para assistirem á esse acto religioso, findo o qual terá lugar o cortejo, já anunciado.

Secretaria da Camara Municipal da Cidade do Desterro 1.º de Dezembro de 1869.

O Presidente

Manoel José de Oliveira.

O Secretario

José Ignacio d'Oliveira Tavares.